FICAR OU SAIR DO CAMPO, SER OU NÃO SER AGRICULTOR: DILEMAS DE JOVENS RURAIS DO SERTÃO SERGIPANO

Isabela Gonçalves de Menezes
isagmenezes@gmail.com
Universidade Federal de Sergipe
Brasil

Paulo Sergio da Costa Neves
pscneves@hotmail.com
Universidade Federal de Sergipe
Brasil

Natália Alves
nalves@ie.ulisboa.pt
Universidade de Lisboa
Portugal

RESUMO

Um grande dilema dos jovens rurais é se devem permanecer em suas comunidades onde certamente sacrificariam oportunidades educativas e econômicas ou migrar para centros urbanos com mais opções. Este artigo levanta essa discussão, tomando por base recorte de tese de doutorado em educação, fruto de pesquisa qualiquantitativa e compreensiva cujo objetivo foi investigar o sentido que jovens rurais dão à experiência de escolarização, que expectativas profissionais estão construindo e seus discursos sobre identidades e individualizações. O universo de estudo foi constituído de jovens rurais estudantes do último ano do ensino médio regular em escolas urbanas de Poço Redondo e Nossa Senhora da Glória, municípios do sertão sergipano. No ano letivo 2015, realizou-se a coleta de dados por meio de questionário, entrevistas e grupos focais a um total de 80 jovens rurais. Da análise das informações obtidas conclui-se que um percentual elevado afirma gostar do campo, mas fica dividido entre sair e permanecer. Os que tencionam ficar gostam da tranquilidade do campo, já os que pensam em sair se preocupam diante da pouca perspectiva de emprego no meio rural e alegam a busca de melhoria de vida. Entretanto, para eles, sair não significa rejeição ao meio rural e permanecer não significa ser agricultor, já que nenhum jovem espontaneamente indicou aspirar essa profissão. Quando perguntados se gostariam de ser agricultores a maioria respondeu "não", não obstante parte considerável das jovens rurais estudantes em Nossa Senhora da Glória tenha se mostrado interessada em permanecer no campo e assumir a propriedade dos pais, bem como os rapazes de Poço Redondo. O meio rural do sertão sergipano tem mudado muito e já não absorve apenas o aspecto do trabalho agrícola. A maioria dos jovens pesquisados tem referências de identidade da produção rural, mas o fato de cursarem o ensino médio em escolas urbanas resultou em mudanças. Quanto a saber exatamente o que querem, foram bastante moderados e não foram poucos os que afirmaram ser inútil fazer projetos, embora a maioria tenha indicado que gostaria de ter um negócio próprio, ou seja, empreender.

ABSTRACT

A great dilemma faced by young people living in rural areas is whether they will remain in their communities, giving up opportunities to improve their education and get more money, or migrate to larger urban centers. The present article addresses this issue based on a doctoral thesis in education, originated from a qualitative and quantitative study aimed to investigate how young people living in rural areas perceive the schooling experience, what are their professional expectations and how they verbalize their identities and individualizations. The study universe was composed of young individuals from rural areas in the last year of high school in urban schools of Poço Redondo and Nossa Senhora da Glória, cities of the sertão region of the state of Sergipe. Data was collected in the 2015 school year, through the administration of a questionnaire, interviews and focal groups to a total sample of 80 young individuals from rural areas. Data analysis showed that a high percentage of the respondents loved the countryside, but could not decide whether to stay or move to urban areas. Those who intended to stay loved the peace and quiet of the countryside. In turn, those who considered leaving the rural area explained that due to the lack of opportunities in their local communities they

had to seek better living conditions. However, leaving does not mean rejecting the rural environment and staying does not imply become a farmer, since none of the participants spontaneously indicated an interest in this profession. Asked whether they would like to be farmers, most of them answered "no", although a considerable percentage of the female students of Nossa Senhora da Glória, and some male students of Poço Redondo, wanted to stay in their communities and work in their parents' land. The rural environment of the sertão region of Sergipe has changed a lot and offers jobs in areas other than agriculture. Asked whether they knew exactly what they wanted, the respondents were careful and many said plans are useless, although most suggested they wanted to have their own business, i.e. become entrepreneurs.

Palavras-chave

Expectativas de futuro. Identidades. Jovens rurais.

Keywords

Future expectations. Identities. Youngsters from rural areas.

I. Introdução

Este artigo é um recorte de tese de doutorado[1] que teve como objetivo investigar o sentido que jovens do sertão sergipano, estudantes do último ano do ensino médio regular, conferem à experiência de escolarização e ao papel da escola em seu processo formativo, problematizando e integrando essa dimensão aos impactos em suas identidades, às expectativas profissionais e suas implicações para a sustentabilidade da agricultura familiar. A continuidade desse modo de vida e de produção tem em vista do fato de os jovens pesquisados serem, em sua maioria, filhos de agricultores familiares[2].

De fato, uma questão importante discutida na referida tese reside na relação entre escolarização no ensino médio, com possibilidade de posterior ingresso no nível superior, e a reprodução da identidade de agricultor familiar. Nos anos 90, a partir de pesquisas realizadas nas regiões Sul e Sudeste do país, Carneiro (1998) já questionava se o deslocamento de jovens rurais para a cidade com o objetivo de estudar geraria sentimentos de pertença múltiplos, bem como a possibilidade da construção de individualidades e realização de projetos pessoais que poderiam ir de encontro ao compromisso familiar de dar continuidade às atividades agrícolas.

A despeito dessa expectativa de individualização, de modo geral, não se diferenciar da de jovens urbanos, o que a singulariza é o fato de que filhos e filhas de agricultores familiares possivelmente se tornarão os sucessores dos pais na unidade produtiva. Não obstante, quando optam por profissão diferente ou moradia em outro local, indicam um cenário de incertezas sobre o futuro da agricultura familiar e levantam a questão da sustentabilidade desse modo de produção.

Partindo-se do que já se sabe, uma das perspectivas dos jovens é a ida à escola com o objetivo de um futuro promissor por meio de um emprego e da autonomia financeira. Se o jovem

[1] Doutorado em educação, cuja defesa ocorreu em julho de 2016. A pesquisa foi desenvolvida com apoio de bolsa Capes, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Sergio da Costa Neves (Universidade Federal de Sergipe) e coorientação da profa. Dra. Natália Alves no doutoramento sanduíche realizado na Universidade de Lisboa.
[2] Alguns jovens pesquisados apenas residem no meio rural; mas a maior parte dos pesquisados são filhos e filhas de produtores familiares.

atravessa uma fase da infância para a maturidade quando quer se afirmar e ter independência financeira; o do meio rural do sertão sergipano vive em um território que passa por transformações e tem priorizado projetos pessoais em contraposição à perpetuação da herança paterna. Todavia, tais escolhas não significam que desgostam do meio rural ou queiram se afastar dos familiares (Menezes, 2012). De fato, um grande dilema dos jovens rurais é se devem permanecer em suas comunidades onde certamente sacrificariam oportunidades educativas e econômicas ou migrar para centros urbanos com mais opções (Carr e Kefalas, 2009).

A ausência de análises mais definidoras das relações entre trajetória escolar, expectativas de futuro e identidades foram justificativas para a realização da tese que embasa este artigo, cuja questão central foi "Que sentido os jovens rurais do sertão sergipano, estudantes do ensino médio regular atribuem à escolarização e ao papel da escola e que expectativas profissionais e discurso sobre individualizações e identidade possuem?" (Menezes, 2016, p. 28).

II. Marco teórico

Na concepção de Hall (2006), as identidades nacionais ou regionais – tratadas como comunidades imaginadas, construídas por meio de histórias, memórias e imagens legitimadas pelo poder da tradição, das instituições e dos organismos hegemônicos, apresentadas como uma totalidade – consistem em um discurso constituído de sentidos, com os quais os indivíduos podem se identificar.

A socialização do jovem pesquisado ocorre no meio rural familiar e na escola urbana e, a partir de cada experiência individual, tem-se sua produção de sentidos, a partir do confronto entre universos, vozes e códigos simbólicos distintos, resultando na construção de significados, adotados como lugar de fala de cada um.

Para Certeau (2014), a linguagem define nossa historicidade, de modo que primordialmente deve ser encarada de modo sério, isso faz com que seja impossível um discurso sair dela, observá-la à distância e afirmar o seu sentido. Em face disso, esse autor apresenta o homem ordinário, aquele que inventa o cotidiano com mil maneiras de "caça não autorizada", escapando silenciosamente a essa conformação. Tal invenção do cotidiano ocorre devido ao que nominou de

"artes de fazer", "astúcias sutis", "táticas de resistência" que, ao alterarem os objetos e os códigos, estabelecem a (re)apropriação dos espaços e do uso ao jeito de cada um.

Certeau (2014) confere às práticas o estatuto de objeto teórico, tentando encontrar os meios para "distinguir maneiras de fazer" a fim de pensar estilos de ação, ou seja, busca fazer a teoria das práticas cotidianas dos consumidores, supondo que estas sejam do tipo tático, proposta de uma inversão de perspectiva, de um deslocamento da atenção. Buscar e encontrar sentidos nas artes de fazer dos jovens rurais, suas estratégias e práticas próprias, do inventar o possível, ocupar um espaço de movimentação onde possa surgir uma liberdade também foi intenção deste trabalho.

Ao considerar que para expressar o que pensa o jovem precisa ter construído um sentido sobre o mundo, o papel da escola, o sertão e o meio rural onde vive; propôs-se investigar o sentido e as contradições vivenciadas pelo jovem rurais no seu universo de sentido. Para Charlot, têm sentido palavras, enunciados e acontecimentos que possam ser relacionados em um sistema, "faz sentido para um indivíduo algo que lhe acontece e que tem relação com outras coisas de sua vida, coisas que ele já pensou, questões que ele já se propôs" (Charlot, 2000, p. 64).

III. Metodologia

Buscou-se refletir acerca das fontes do sentido dos sujeitos pesquisados nos contextos socioeconômico e escolar, em um duplo processo: uma pesquisa qualiquantitativa e compreensiva do sentido e aprofundamento, de tipo sociológico, do contexto em que esse sentido é construído.

O universo de estudo é composto de jovens rurais estudantes do último ano do ensino médio regular em escolas públicas urbanas de Nossa Senhora da Glória e Poço Redondo, municípios do território Alto Sertão Sergipano.

O território Alto Sertão Sergipano está localizado no Noroeste do estado de Sergipe, Brasil, na parte mais oriental da Grande Depressão Sertaneja. Totalmente incluído no Polígono das Secas, apresenta clima quente (megatérmico e isotérmico), do tipo semiárido e precipitação pluviométrica média anual da ordem de 500 a 700 mm, com período chuvoso de março a agosto. A vegetação natural predominante da região é a caatinga (Diagnósticos..., 2008).

Formado pelos municípios de Canindé do São Francisco, Gararu, Monte Alegre de Sergipe, Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora de Lourdes, Poço Redondo e Porto da Folha, esse território abrange área de 4.900,686 km2 que corresponde a 22,4% da área total de estado de Sergipe, com densidade demográfica de 30 hab./km2 e com 146.529 habitantes, ou seja, 7% da população total do estado (Sergipe em Dados, 2009; Diagnósticos..., 2008).

Sua população está igualmente distribuída entre homens e mulheres. Nos municípios de Canindé do São Francisco e Monte Alegre de Sergipe, há relativo equilíbrio entre a população rural e a urbana; entretanto, os municípios de Gararu e Poço Redondo possuem populações rurais quase três vezes maiores do que as urbanas e, no município de Porto da Folha, a população rural é o dobro do número de pessoas que moram na sede do município. Já em Nossa Senhora da Glória, o município mais urbanizado da região, a relação é inversa (IBGE, 2010).

Esse território se estabeleceu como importante bacia leiteira do estado, reconhecida pelo dinamismo da sua economia que gira em torno da produção e processamento do leite por pequenos produtores, de base familiar (Carvalho Filho et al., 2000).

No ano letivo 2015, a coleta de dados foi realizada em três escolas – duas em Nossa Senhora da Glória e uma em Poço Redondo – e levou dois semestres para a execução do trabalho de campo e análise de dados.

Na primeira fase da coleta de dados, 80 jovens rurais foram pesquisados por meio de um questionário composto por 122 perguntas fechadas e abertas. Em uma segunda etapa, foram realizadas entrevistas e grupos focais conduzidos de forma semiestruturada. Os grupos focais realizados, em um total de sete, tiveram 55 participações de jovens rurais. Quando não houve quórum suficiente para formar um grupo focal, realizaram-se entrevistas semiestruturadas.

Os participantes foram avisados a respeito do objetivo deste trabalho, com sigilo salvaguardado pela adoção de nomes fictícios e, informados do termo de consentimento livre e esclarecido, solicitou-se a autorização para a participação na pesquisa.

IV. Análise e discussão de dados

Morar no campo ou na cidade, ser ou não ser agricultor

A maioria dos jovens rurais pesquisados (78,8%) respondeu que "gosta de morar no campo", sem diferenças nos percentuais das respostas dos homens e das mulheres, com pouca diferenciação nos percentuais dos jovens rurais que estudam em Poço Redondo (76,5%) e em Nossa Senhora da Glória (80,4%) (Tabela 1).

Tabela 1 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta "Você gosta de morar no campo?", 2015

Respostas	Poço Redondo				Nossa Senhora da Glória				Total	%
	H	%	M	%	H	%	M	%		
Sim	10	71,4	16	80,0	16	84,2	21	77,8	63	78,8
Não	3	21,4	2	10,0	2	10,5	5	18,5	12	15,0
Às vezes, nem sempre, sim e não	1	7,1	2	10,0	1	5,3	1	3,7	5	6,3
Total	14	100,0	20	100,0	19	100,0	27	100,0	80	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

O campo condiz com um local onde o jovem "Não tem para onde sair. Dificilmente saio de casa, pois não tem nem praça para ir, nem nada, só a igreja que frequento todo fim de semana", expressou uma moça que não gosta de morar no campo. Outra moça complementou: "Porque a gente não tem como trabalhar, não tem como estudar". Os jovens que não gostam de morar no campo ainda realçaram a falta de "oportunidades", pois "no campo não tem emprego", além das dificuldades enfrentadas para ir à escola.

Uma moça que não gosta de morar no campo e havia se mudado recentemente para a cidade esclareceu: "Prefiro a cidade. No campo gosto de passear e visitar meus pais".

Em contrapartida, os jovens que gostam de viver no campo o descrevem como "[...] um lugar calmo e tranquilo" onde se sentem bem e felizes. Uma das jovens argumentou sobre laços familiares: "Porque penso no melhor para minha mãe e o melhor para ela é o campo", outra reforçou o carinho pelos animais: "Porque gosto de cuidar de animais".

Mesmo gostando do campo, os jovens rurais estão divididos entre ficar ou sair, pois 42,9% responderam que têm vontade de morar na cidade, enquanto 47,6% responderam não ter essa vontade. Caso sejam adicionadas a "sim" as respostas "se for preciso", "depende" e "talvez" (7,9%) a tendência para sair se torna maior (50,8%) do que a de ficar (Tabela 2).

Tabela 2 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta "Você tem vontade de morar na cidade?", dos que gostam de morar no campo, 2015

Respostas	Poço Redondo				Nossa Senhora da Glória				Total	%
	H	%	M	%	H	%	M	%		
Sim	3	30,0	9	56,3	8	50,0	7	33,3	27	42,9
Não	7	70,0	6	37,5	6	37,5	11	52,4	30	47,6
Se for preciso, depende, talvez			1	6,3	2	12,5	2	9,5	5	7,9
Não sei							1	4,8	1	1,6
Total	10	100,0	16	100,0	16	100,0	21	100,0	63	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Por município, dos jovens que gostam do campo, em Poço Redondo, 70% dos rapazes não têm vontade de morar na cidade, enquanto 56,3% das moças prefeririam viver na cidade. Em Nossa Senhora da Glória ocorreu o inverso: 50% dos rapazes têm vontade de morar na cidade, ao passo que 33,3% das moças demonstraram esse interesse (Tabela 2).

Das moças que estudam em Nossa Senhora da Glória e que gostam do campo, 52,4% não têm vontade de morar na cidade. Porque "[A cidade] tem muitos perigos, muito barulho"; "Porque gosto do lugar onde moro". Todavia há moças desse município que gostam de morar no campo, no entanto têm dúvida sobre morar na cidade, pois responderam "se for preciso", "depende", "talvez" e justificaram: "Se o emprego for no interior, eu moro no interior e se for na cidade, eu posso morar na cidade" e "Eu gosto de onde moro [campo], mas já pensei sim, futuramente, morar na cidade".

Em Poço Redondo, dos rapazes que gostam do campo e não têm vontade de morar na cidade, as justificativas arrolaram questões como "Violência" e "Muita perturbação, falta de local para trabalhar". Jovens que gostam do campo e têm vontade de morar na cidade, bem como os que têm dúvida explicaram a opção: "Pois no campo não tem tantas oportunidades como na cidade para se ter trabalho"; "Porque facilita muitas coisas, principalmente os estudos".

Convém notar que em todas as respostas dos que desejam migrar para a cidade não há *rejeição* ao campo e ao seu modo de vida. De acordo com as questões que surgiram, o que se observou foi o desejo de melhorar de vida e de oportunidade de trabalho em atividades urbanas. De outro lado, dos jovens rurais que não gostam de morar no campo, todos gostariam de sair se pudessem.

Perguntou-se ainda aos jovens rurais "Se seus pais são agricultores, você gostaria de continuar na profissão deles e tomar conta da propriedade?" e na análise foram priorizadas três linhas: filhos de assentados; filhos de não assentados e total de jovens pesquisados, com o objetivo de chamar a atenção para que os jovens também sejam apoiados e considerados nas políticas públicas, tendo em vista de que de nada adiantaria assentar os progenitores para, em seguida, os herdeiros venderem ou se ausentarem da propriedade por não verem possibilidade de continuar na mesma.

Tabela 3 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta "Se seus pais são agricultores, você gostaria de continuar na profissão deles e tomar conta da propriedade?", 2015

Respostas		Poço Redondo		Nossa Senhora da Glória		Total (%)
		H (%)	M (%)	H (%)	M (%)	
Sim	Filhos de assentados	22,2		100,0	20,0	17,4
	Filhos de não assentados	66,7	11,1	23,1	5,0	15,6
	Total dos pesquisados	35,7	10,0	21,1	7,4	16,3
Não	Filhos de assentados	55,6	62,5		80,0	60,9
	Filhos de não assentados	33,3	66,7	46,2	50,0	51,1
	Total dos pesquisados	50,0	65,0	47,4	55,6	56,3
Talvez	Filhos de assentados	22,2	25,0			17,4
	Filhos de não assentados		11,1	23,1	25,0	20,0
	Total dos pesquisados	14,3	15,0	26,3	22,2	18,8
Não sabem /	Filhos de assentados		12,5			4,3
não	Filhos de não assentados		11,1	7,7	20,0	13,3
responderam	Total dos pesquisados		10,0	5,3	14,8	8,8

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

De acordo com a análise, pode-se observar, de acordo com a tabela 3, que o cenário é de desinteresse dos jovens pesquisados pela profissão de agricultor[3], pois apenas 17,4% dos filhos de

[3] O termo agricultor usado neste trabalho, na realidade do espaço desta pesquisa, também se refere ao produtor familiar, cuja base econômica é a pequena produção de leite. Segundo Melo (2012), a atividade econômica mais importante do sertão de Sergipe é a pecuária de leite, uma vez que os seis principais municípios produtores de leite do estado estão localizados nesse território.

assentados da reforma agrária responderam que gostariam de continuar na profissão de agricultores dos pais e, posteriormente, assumir a propriedade. Dos filhos de não assentados, o percentual total é ainda menor, por volta dos 16%. Mas é conveniente observar que a maioria 66,7% dos rapazes, filhos de não assentados em Poço Redondo, responderam "sim", bem como 23% dos rapazes de Nossa Senhora da Glória, mas a pouca adesão das mulheres a esse modo de vida baixou o percentual total (11% em Poço Redondo e 5% em Nossa Senhora da Glória). Quanto aos filhos de assentados, todos os rapazes pesquisados de Nossa Senhora da Glória responderam "sim", ao passo que 80% das filhas de assentados desse município que responderam "não".

Os rapazes que gostariam de continuar na profissão dos pais e cuidar da propriedade justificaram: "Porque quero mudar muitas coisas ainda nela"; "Mas queria levar algo novo para o campo se formasse em agronomia e veterinária"; "Gosto de cuidar de animais"; "Lá na propriedade minha vida é mais feliz"; "Para continuar o que meus pais faziam" e "Porque é o que eu sei fazer". A moças, por sua vez, expressaram: "Porque gosto muito da nossa propriedade e dos animais"; "Pelo fato de ter sido deles"; "Para ajudar a eles [os pais]" e "Porque eu gosto de viver no sítio também e cuido de tudo lá".

Embora minoria, observa-se que esses possíveis "continuadores" gostam da vida no campo e de cuidar dos animais, pretendem desenvolver e prosperar o que os pais já iniciaram; a própria situação de continuidade, ou seja, de identidade mesmo, alguns rapazes fazendo planos de melhoria e investimentos na propriedade, inclusive o curso superior voltado para a área da agricultura e pecuária, com viés mais progressista; e, por fim, como uma ajuda aos pais.

Tabela 4 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta "Você gostaria de ser um(a) agricultor(a)?", 2015

Respostas	Poço Redondo				Nossa Senhora da Glória				Total	%
	H	%	M	%	H	%	M	%		
Sim	6	42,9	4	20,0	3	15,8	7	25,9	19	23,8
Não	7	50,0	15	75,0	12	63,2	17	63,0	52	65,0
Às vezes, talvez, não sabe, no futuro, sim e não	1	7,1	1	5,0	4	21,1	3	11,1	9	11,3
Total	14	100,0	20	100,0	19	100,0	27	100,0	80	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Quanto à pergunta ainda mais específica: "Você gostaria de ser um(a) agricultor(a)?", das moças que estudam em Poço Redondo, 75% responderam "não" e das que estudam em Nossa Senhora da Glória o percentual para a mesma resposta foi 63%. Já os rapazes, dos que estudam em Poço Redondo, 50% responderam "não" e dos que estudam em Nossa Senhora da Glória o percentual foi 68,4%. Do total de respondentes, 23,8% responderam "sim" e 11,3% "talvez" (Tabela 4).

Das mulheres que estudam em Poço Redondo que não querem continuar na profissão dos pais e tomar conta da propriedade, somente uma moça, filha de assentado da reforma agrária, respondeu que gostaria de ser uma agricultora porque "é boa a vida no campo". Das moças que responderam "talvez", "sim e não" se continuarão na profissão dos pais e tomarão conta da propriedade, a respeito de serem agricultoras, quanto às que estudam em Poço Redondo, uma jovem, filha de assentado da reforma agrária, respondeu que "talvez" seria, "Por falta de outra oportunidade", mas a outra afirmou: "Eu já sou". Interessante notar que embora a jovem já se considere agricultora, "talvez" venha a tomar conta da propriedade de seus pais no futuro.

Das que estudam em Nossa Senhora da Glória, seis moças apresentaram dúvida quanto a continuar na profissão dos pais e tomar conta da propriedade, mas quanto a serem agricultoras, apenas duas responderam "sim" e uma delas justificou: "Prefiro morar no campo *do que na* cidade". Uma moça também tem dúvida quanto a ser agricultora e respondeu "mais ou menos" "porque os invernos[4] estão ruins e estamos perdendo muito e ganhando pouco".

Devido à renda obtida com a agricultura ser pouca e o desgostar das atividades rurais, outras profissões são desejadas e, especialmente, a escolarização tem sido fator preponderante para que as moças não vislumbrem sua permanência no campo, conforme a seguinte justificativa de uma jovem, filha de agricultores, estudante em Poço Redondo: "Porque já estudei muito e quero ter um bom futuro". Evidencia-se, portanto, que a vida de agricultor está longe de se mostrar atraente para a maioria das moças pesquisadas.

[4] "Invernos ruins" na região desta pesquisa significa escassez de chuvas e, consequentemente, problemas na safra.

Apenas quatro moças tomariam conta da propriedade dos pais (10% em Poço Redondo e 7,4% em Nossa Senhora da Glória), duas para cada município. As de Nossa Senhora da Glória gostariam de ser agricultoras e uma delas justificou "Porque é a profissão de meus pais", enquanto uma das moças de Poço Redondo alegou "Gosto do campo".

Quanto aos rapazes de Poço Redondo que poderiam assumir a propriedade dos pais, três querem ser agricultores, segundo um deles: "Na propriedade minha vida é mais feliz" e outro gosta de cuidar dos animais, por isso quer continuar. Dos rapazes estudantes em Nossa Senhora da Glória que não querem tomar conta da propriedade dos pais nem ser agricultores, foram recebidas as justificativas: "A vida é muito corrida"; "Muito sofrida"; "Pois não tenho vocação"; "Não gosto"; "Porque é trabalhoso".

Em Poço Redondo, outro jovem, às vezes, pensa em se tornar agricultor "se não tiver outra opção". Em Nossa Senhora da Glória, os rapazes que estão em dúvida alegaram: "Porque tem vezes que se torna cansativo" e "Quando estivesse com a vida feita, com bens materiais suficientes". Um dos rapazes, estudante em Nossa Senhora da Glória, tem dúvidas quanto a assumir a propriedade, porém, respondeu que gostaria de ser agricultor "porque é sempre bom seguir os passos dos pais".

Os rapazes que pretendem ficar expressaram um sentido de responsabilidade, uma obrigação de continuar a tradição na agricultura familiar: "Não deixar essa cultura morrer"; "Por ter sido a profissão dos meus pais e avós" e "Continuar com os costumes de minha família"; sendo este último filho de assentado da reforma agrária. Se os pais lutaram para obter um lote por meio da reforma agrária, aos filhos soa ainda mais forte o sentido de perpetuação da herança, de tocar adiante o lote pelo qual os pais, quem sabe, esperaram muito para receber.

Em Nossa Senhora da Glória, o interesse em permanecer no campo e em assumir a propriedade dos pais foi inexpressivo. Três rapazes se mostraram interessados, mas apenas um quer ser agricultor porque "É algo que eu já convivo, embora seja muito trabalhoso e cansa muito fisicamente". No entanto, outros dois que admitiram que poderiam tomar conta da propriedade não desejam ser agricultores. De fato, o meio rural, hoje, já não está relacionado somente a atividades agrícolas e ficar no campo necessariamente não está atrelado ao desejo de trabalhar na agricultura.

Esses jovens "ordinários" indicariam o que Certeau (2014) denomina de "maneiras de caminhar" que pertencem a "maneiras de agir" em suas "artes de fazer"; o que o autor distinguiu como "táticas" ao invés de "estratégias" para suas trajetórias. A estratégia seria o cálculo das relações de forças desde o momento em que um ser de vontade e poder é isolável de um "ambiente" (CERTEAU, 2014). Ela postula um lugar capaz de ser limitado e, portanto, capaz de servir de base para a gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. Ao contrário da estratégia, a "tática" é

> um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível [...]. Depende do tempo, vigiando para "captar no voo" possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar contra os acontecimentos para os transformar em "ocasiões". Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. Ele o consegue em momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos [...], mas sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a "ocasião" (CERTEAU, 2014, p. 45).

Nas respostas dos jovens com intenção de ir embora, além da rejeição ao campo não ficar visível, observam-se indicativos mais relacionados a táticas, tais como "Porque se um dia eu conseguir ter uma casa própria, eu preferiria comprar e morar na cidade", ou seja, há que se ter cuidado ao apresentar um resultado apenas de que um determinado percentual de jovens que moram no campo gostaria de ir embora para a cidade.

Ensino médio em escolas urbanas e mudanças pessoais

À pergunta "você acha que mudou depois que ingressou no ensino médio?", a maioria dos inquiridos (80%) respondeu "sim", com percentual um pouco maior para as mulheres (83%) em relação aos homens (75,8%) e diferença altamente considerável entre os 61,8% em Poço Redondo e 93,5% em Nossa Senhora da Glória (Tabela 5).

Questionados a respeito de mudanças depois que ingressaram no ensino médio, os pesquisados enfatizaram em suas respostas conhecimento, amadurecimento, responsabilidade com os estudos, interesse pessoal e transição para a idade adulta.

Tabela 5 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta "Você acha que mudou depois que ingressou no ensino médio?", 2015

Respostas	Poço Redondo				Nossa Senhora da Glória				Total	%
	H	%	M	%	H	%	M	%		
Sim	7	50,0	14	70,0	18	94,7	25	92,6	64	80,0
Não	7	50,0	5	25,0	1	5,3	2	7,4	15	18,8
Não respondeu			1	5,0					1	1,3
Total	14	100,0	20	100,0	19	100,0	27	100,0	80	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

De igual maneira que nos resultados encontrados por esta autora em sua pesquisa para o mestrado (Menezes, 2012), essas mudanças repercutiram no "modo de ser" e no "comportamento" dos jovens rurais. A sociabilidade mereceu destaque, uma vez que estudar o ensino médio na cidade proporciona o conhecimento de mais pessoas, porquanto o jovem já não está mais limitado apenas a sua comunidade rural.

Atitudes diante do futuro

Questionou-se algumas das atitudes, crenças ou disposições dos pesquisados diante do futuro. Tendo em consideração se sabem exatamente o que querem, na casa dos 50-60%, os alunos foram moderados, com exceção de 35,7% dos rapazes de Poço Redondo que sabem exatamente o que querem em relação ao futuro (Tabela 6).

As moças evidenciam expectativas mais arrojadas que os rapazes, bem como em relação às atitudes em face do futuro também parecem bastante animadas, pois a grande maioria crê que "é tudo uma questão de esforço" (Tabela 6).

Nesse quesito, os rapazes de Poço Redondo foram os que apresentaram menor percentual para concordo (64,3%), ao passo que 85% das moças de Poço Redondo, 94,7% dos rapazes de Nossa Senhora da Glória e 81,5% das moças de Nossa Senhora da Glória concordam.

Não foram poucos os alunos que afirmaram ser inútil fazer projetos, pois 12,5% concordam e 27,5% concordam em parte, com destaque para 42,9% dos rapazes de Poço Redondo que concordam (Tabela 6).

Tabela 6 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta "Em que medida você concorda com as seguintes frases em relação ao seu futuro?", 2015

Respostas		Poço Redondo		Nossa Senhora da Glória		Total (%)
		H (%)	M (%)	H (%)	M (%)	
Sei exatamente o que quero	Concordo	35,7	50,0	52,6	59,3	51,3
	Concordo em parte	14,3	15,0	31,6	29,6	23,8
	Discordo	7,1	10,0	10,5	3,7	7,5
	Não sei	21,4	15,0	5,3	0,0	8,8
	Não respondeu	21,4	10,0		7,4	8,8
É tudo uma questão de esforço	Concordo	64,3	85,0	94,7	81,5	82,5
	Concordo em parte	35,7	5,0		7,4	10,0
	Discordo				11,1	3,8
	Não sei					
	Não respondeu		10,0	5,3		3,8
É inútil fazer projetos	Concordo	42,9	15,0		3,7	12,5
	Concordo em parte	28,6	40,0	26,3	18,5	27,5
	Discordo	14,3	30,0	68,4	51,9	43,8
	Não sei		5,0	5,3	7,4	5,0
	Não respondeu	14,3	10,0		18,5	11,3

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Em questão de múltipla escolha, perguntou-se "Se pudesse escolher, no futuro, gostaria de..." e um fato interessante foi constatar que trabalhar em empresas privadas não obteve sequer uma marcação. Poucos jovens – 13,8% das respostas, sendo mais as mulheres (17%) do que os homens (9%) – marcaram a opção emprego público. Com 13,8% das marcações, "não sei" aparece para reforçar a situação juvenil de transição, dúvidas e incertezas perante o futuro (Tabela 7).

Tabela 7 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas do sertão sergipano, à pergunta "Se pudesse escolher, no futuro, gostaria de...", 2015

Respostas	Poço Redondo				Nossa Senhora da Glória				Total	%
	H	%	M	%	H	%	M	%		
Ter uma empresa	6	42,9	3	15,0	8	42,1	12	44,4	29	36,3
Trabalhar por conta própria	7	50,0	9	45,0	6	31,6	5	18,5	27	33,8
Ter um emprego público	1	7,1	3	15,0	2	10,5	5	18,5	11	13,8
Trabalhar numa empresa privada										
Não sei			3	15,0	3	15,8	5	18,5	11	13,8
Outra			2	10,0					2	2,5
Total	14	100,0	20	100,0	19	100,0	27	100,0	80	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2015 / Legenda: H: Homens / M: Mulheres.

Supreendentemente 36,3% dos jovens querem "ter uma empresa" e 33,8% querem "trabalhar por conta própria", em outras palavras, se esses percentuais forem somados, quase 70% gostariam de empreender um negócio. Embora uma das jovens ainda não saiba em que seria o empreendimento, esclareceu que pensa em ter um negócio próprio, repetindo um chavão do senso comum: "Todo mundo quer ser seu próprio patrão". Para esses jovens rurais, diante de uma realidade de incertezas quanto à inserção profissional, ter um negócio próprio seria uma alternativa. Embora as ideias de empreendedorismo apresentadas pareçam mais com o conceito de "táticas" do que com o de "estratégias" (Certeau, 2014), seria importante aprofundar essa questão.

V. Conclusão

A partir dos dados coletados, pode-se concluir que quanto à concepção de identidade, o fato de cursarem o ensino médio em escolas urbanas provocou em mudanças no modo de ser e no comportamento. Um percentual elevado de jovens rurais afirma gostar do campo, mas vive o impasse entre sair e permanecer. Os que tencionam ficar gostam da tranquilidade do campo, já os outros se preocupam diante da pouca perspectiva de emprego. Surpreendentemente, parte das mulheres de Nossa Senhora da Glória se mostrou interessada em permanecer no campo e assumir a propriedade dos pais, bem como os rapazes de Poço Redondo. Nenhum dos inquiridos respondeu espontaneamente que quer ser agricultor ou ter planos de viver na zona rural e ajudar os pais, mas quanto à pergunta direta se gostariam de ser agricultores, as respostas obtidas indicam diferenças por município e por gênero. Dos dois grupos de moças, a maioria respondeu "não", sendo com percentual um pouco menor das que estudam em Nossa Senhora da Glória. Quanto aos rapazes, dos que estudam em Poço Redondo, metade respondeu "não", ou seja, encontram-se divididos, enquanto os que estudam em Nossa Senhora da Glória a maioria não quer ser agricultor. Uma característica bastante recorrente é que a minoria dos jovens que ainda se predispõe a ficar no campo, em parte é em decorrência da falta ou da espera de uma oportunidade. Em relação aos que responderam que continuariam na profissão dos pais, para os rapazes, assumir a terra como uma responsabilidade de

continuar a tradição da família foi o que ficou mais visível, e da maioria das moças, sobretudo as de Poço Redondo, não esboçarem qualquer interesse em assumir, recaindo sobre os homens essa responsabilidade. Não há rejeição ao campo e sim o desinteresse da maioria pela profissão de agricultor. Causou surpresa o fato de que a maior parte dos jovens rurais pesquisados gostaria de empreender, ou seja, ter uma empresa ou trabalhar por sua conta, fato confirmado através de duas perguntas do questionário. Para esses jovens rurais, diante de uma realidade de incertezas quanto à inserção profissional, ter um negócio próprio seria uma alternativa. Esse interesse que a maioria dos pesquisados demonstrou de ter um negócio próprio ou uma empresa pode ser uma pista para novas pesquisas sobre os jovens rurais que ficam no campo.

VI. Referências

Carneiro, M. J. (1998). O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, F. C. T.; SANTOS, R.; COSTA, L. F. C. (Orgs.). *Mundo rural e política*: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Editora Campus. p. 95-117.

Carr, P. J.; Kefalas, M. J. (2009). *Hollowing Out the Middle*: The Rural Brain Drain and What It Means for America. Boston, Massachusetts: Beacon Press, Little, Brown and Co.

Carvalho Filho, O. M. et al. (2000). *A pequena produção de leite no semi-árido sergipano*. Petrolina, PE: Embrapa Semiárido.

Certeau, M. (2014). *Invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Charlot, B. (2000). *Da relação com o saber*: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed.

Diagnósticos das cadeias produtivas do leite e derivados (bovino e caprino) e frutas irrigadas (acerola, goiaba e quiabo) no Alto Sertão Sergipano (2008). Estudo de Viabilidade Técnica de apoio ao Programa de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido Sergipano. Aracaju: Iber-Geo International SL; Governo de Sergipe.

Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). Censo Populacional 2010. Disponível em <http://mapasinterativos.ibge.gov.br/grade/default.html>. Acesso em: 21 dez. 2017.

Melo, R. O. L. (2012). *Economia sergipana contemporânea (1970-2010)*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Editora Diário Oficial.

Menezes, I. G. (2012). *Jovens rurais no sertão sergipano*: escolarização e identidades culturais. 2012, 238 fls. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe.

Menezes, I. G. (2016). *No sertão da minha terra, o sentido da escolarização, as expectativas profissionais e o discurso sobre identidade e individualizações de jovens rurais estudantes do ensino médio em escolas urbanas*. 2016, 360 fls. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe.

Sergipe em dados (2009). V.1 (1995). Aracaju: Seplan/Supes.